

Lauren Fern Watt

*Minha vida
com uma amiga
de quatro
patas*

Tradução
Carolina Leocadio

1ª edição

BS
BestSeller

Rio de Janeiro | 2021

Prólogo

O despertador do celular tocou e estiquei o braço para adiar o alarme. Voltei a acomodar a cabeça no travesseiro e o despertador tocou outra vez. Com um olho semiaberto, deslizei o dedo na tela. “Merda! Merda! Merda!” Saltei da cama, puxei uma camiseta de corrida da pilha de roupas, calcei meus tênis e voei pela porta.

Corri para a estação Astor Place, peguei o metrô até o Central Park e disparei para a tenda de inscrição. Ao chegar, sem fôlego, fui recebida por uma mulher com unhas vermelhas compridas e uma sobrelha arqueada.

— Querida, você está vinte minutos atrasada.

— Mas é uma das minhas corridas classificatórias para a Maratona de Nova York — implorei. — Só preciso *terminar* essa corrida. Por favor, *por favor*, me deixe correr.

Ela pôs as mãos na caixa de plástico com os números e apertou os lábios:

— A corrida já começou.

Ao sair da tenda, meus olhos se encheram de lágrimas. *Não chore. Não chore. Não chore. Não aqui, Lauren. Não no Central Park.* Mas eu não tinha como controlar. Assim que pisquei, as lágrimas começaram a cair.

De cabeça baixa, vaguei pelo parque até a Bethesda Fountain, onde eu e Gizelle gostávamos de ver os barcos a remo no lago. Ela estava com um problema na pata traseira esquerda, e as escadas do meu edifício sem elevador seriam demais para o estado em que ela estava. Então dois amigos que moravam em uma casa térrea no Maine tinham se oferecido

para cuidar dela por algumas semanas. Assim pude voltar à cidade e continuar trabalhando, mas era triste ficar sem Gizelle. Caitlin e John disseram que ela estava melhorando, evitando usar as patas e aceitava tomar os remédios numa boa. Ela voltaria para Nova York assim que estivesse bem... ao menos era isso que eu esperava. Por outro lado, não tinha tanta certeza. Sempre que eu pensava em Gizelle mancando, um medo terrível se instalava em mim.

Respirei fundo e enxuguei o rosto com a camiseta. *Tudo bem, Lauren. Só porque você perdeu uma corrida não quer dizer que não pode fazer a sua própria. Você ainda pode correr seus quilômetros.* Limpei as lágrimas e comecei a acelerar. Subi as escadas e passei pelos olmos, imaginando que as patas gigantes de Gizelle corriam ao meu lado como sempre fizeram antes de ela começar a mancar. Disparei ao redor do lago dos patos, contornei a escultura da Alice no País das Maravilhas, depois saí do parque e cheguei à Quinta Avenida.

Continuei correndo. O calor do chão de concreto subiu pelas minhas pernas. Aquele dia teria sido quente demais para Gizelle, mas isso não me impedia de imaginá-la ao meu lado. Quando eu fechava os olhos, quase conseguia ouvir o som de suas patas junto a mim. Eu percorria a Quinta Avenida cada vez mais rápido, desviando da multidão típica de um sábado agitado em Manhattan e me sentindo melhor a cada passo.

Consegui chegar à 7th Street, cruzei a Avenue A e pensei em correr mais dois ou três quilômetros até a East River Promenade, mas em vez disso parei na frente do meu prédio. Expirei e apoiei as mãos nos joelhos. Expirei. Expirei. Expirei. Tirei meu celular da braçadeira de corrida e só então vi que havia três chamadas perdidas e uma mensagem de voz. Era Caitlin, pedindo que eu ligasse para ela imediatamente. Era sobre Gizelle.

Subi as escadas do edifício quase sem fôlego. *Talvez Caitlin tenha ligado para falar da comida e dos remédios...* O veterinário tinha enviado a receita de alguns remédios direto para a farmácia, e talvez eles estivessem com dificuldade para buscá-los. Meu rosto estava vermelho depois de correr quatro quilômetros, eu nem tinha tirado os tênis, e meu coração

PRÓLOGO

batia disparado. Abri a porta do meu apartamento, vi a cama de Gizelle vazia e encarei o celular, tentando reunir coragem para ligar. *É só ligar, Lauren. Está tudo bem.*

Gizelle tinha entrado na minha vida tão rápido, em um dia de verão no Tennessee, seis anos antes. Naquela época em que meus pais ainda estavam juntos, antes de eu me mudar para Nova York, antes de começar a correr. Gizelle havia se tornado minha nova melhor amiga muito rápido, mas ela era bem mais do que isso.

Retornei a ligação.

Parte I

Encantada

Um

Uma filhotona

Prometemos que íamos só dar uma *olhada*.
Minha mãe e eu estávamos sentadas no estacionamento de uma farmácia na Franklin Road. Eram 10h e o clima já estava úmido em Brentwood, no subúrbio de Nashville, onde cresci. Pelo para-brisa víamos uma fileira de árvores, e estávamos com a cara afundada nos classificados do jornal *The Tennessean*, fazendo compras na nossa seção favorita: a de filhotes.

Não tínhamos por que pesquisar na seção de filhotes naquele dia. Já tínhamos duas cachorras em casa, Yoda e Bertha, sem falar em uma série de outras criaturas e um problema de família complicado que eu duvidava que um filhotinho conseguiria resolver.

— Um labrador? — sugeri, dando uma mordida no meu bagel.

Mamãe balançou a cabeça, também com a boca cheia. E fez um sinal para cima com o polegar. *Maior!*

— Um coonhound?

— Errr... — Ela pensou um pouco. — Esse não é o mascote da Universidade do Tennessee ou algo assim, querida?

Ela tinha razão. O coonhound, com sua papada e orelhas caídas, era o mascote dos Vols, o time de futebol americano da Universidade do Tennessee — na qual eu ia começar a estudar no outono seguinte, como caloura transferida. Comprar um cachorro igual ao mascote do

time não ia me fazer parecer desesperada demais para ser aceita? Depois de pensarmos a mesma coisa, nossos olhares se cruzaram e sorrimos.

Desde que eu voltara para casa, naquele verão, minha mãe vinha me chamando para conversar pela manhã, sugerindo uma passadinha na Starbucks e na padaria Bruegger's algumas vezes por semana: bagels para viagem e qualquer bebida ultra-açucarada a base de café. Depois, parávamos em um estacionamento vazio a quilômetros de distância da mesa da nossa cozinha. Assim podíamos “conversar”. Só nós duas.

E, no caso da minha mãe, nossas conversas se resumiam a ela pedir desculpas e me lembrar de que estava “Totalmente, 100%, bem”. Então ela olhava para baixo, esperando o meu “Está certo. Tudo bem! Eu acredito em você” de sempre. E seguíamos em frente — mesmo que não estivesse tudo bem e eu não soubesse mais no que acreditar.

Minha mãe era a minha melhor amiga; é claro que eu queria acreditar nela. Ela costumava escrever recados e colocar com meu lanche até o fim do meu ensino médio (às vezes incluindo glitter), dizia que sereias existiam, comprava para minha irmã mais nova, Erisy, e para mim roupas de que não precisávamos. “Não conte para o papai”, sussurrava ela com sua voz suave, fina e melodiosa (que eu herdei), antes de nos mandar ir logo para o nosso quarto com as sacolas de compras. Ela encarava tudo como se fosse divertido, e se não houvesse nada de divertido em algum detalhe da vida, ela inventava a diversão.

Naquela manhã de sábado o rosto da minha mãe parecia iluminado pela fixação em comprar um filhote de cachorro. Estávamos sentadas no carro. Paradas. Mas parecia que estávamos em movimento. Meu frappuccino suave no porta-copo, as engrenagens da cabeça da minha mãe giravam, certamente maquinando o que ela poderia fazer para compensar pela noite anterior. Ela virou a cabeça e me encarou.

— Sabe o que *eu* quero fazer hoje? — Ela se recostou e sorriu. — Precisamos de mais um cachorro.

Ela deu um gole no copão de café.

— Eu adoraria dar um cachorro grande para você. Somos o tipo de família que tem um cachorro grande. É *muito* a sua cara ter um cachorro grande, querida.

Eu nem sabia o que significava ter cara de quem tem um cachorro grande, mas não liguei para isso. Coloquei meu bagel no painel, larguei meu frappuccino derretendo e fui logo pegar o jornal.

Espalhamos o jornal por toda a parte da frente do carro, cobrindo nosso colo e o painel com aquelas páginas acinzentadas.

Um pastor-alemão?

Ativo e brincalhão, seria uma opção legal. Mas será que um pastor ia se dar bem com as nossas outras cachorras? Tínhamos que pensar em Yoda e Bertha.

Um goldendoodle?

São lindos, mas estávamos pensando em um cachorro grande. *Grande* mesmo.

Um cão dos pirineus...

Ah, esse, sim, era grande, mas não teria pelos demais?

Um boxer?

Nós conhecíamos muito bem a raça. Tínhamos amado e perdido dois boxers quando eu era mais nova.

E, quando estávamos prestes a ligar para o número em um anúncio de mestiços de husky com labrador, minha mãe bateu o dedo no jornal, afundando ele no colo ainda mais.

— FILHOTES DE MASTIM INGLÊS!

Existe um ditado no universo dos mastins: “O mastim está para o cachorro assim como o leão está para o gato.” Eles são vigorosos, gentis e conhecidos pela lealdade. Também são conhecidos como a maior raça de cães do planeta. Um mastim inglês chamado Aicama Zorba bateu o recorde de maior cachorro do mundo, com quase 160kg. É o peso de um burrinho. Então não surpreende que os gregos e romanos da Antiguidade os usassem como cães de guerra. Os mastins chegaram a lutar no Coliseu, ao lado dos gladiadores.

Minha mãe pôs o telefone no viva-voz enquanto chamava. Eu estava tão empolgada que quase não conseguia respirar enquanto esperava alguém atender.

— Alô? — disse uma mulher. Ela parecia ter sotaque do sul.

Mamãe perguntou se eles tinham uma fêmea.

Sim.

Perguntou se era malhada.

Sim.

Então minha mãe perguntou se podíamos ir ver (*ver*) os filhotes naquele dia.

Sim.

Naquela hora mesmo?

Sim.

Então, contrariando qualquer juízo e bom senso, pegamos a rodovia para ir *dar uma olhada*.

Nossa casa sempre teve um quê de zoológico. Na infância, meu irmão, minha irmã e eu tivéramos todo tipo de bichinho que o coração de uma criança pudesse desejar: peludos, com penas, viscosos, com conchas, até mesmo um que fazia *oinc*.

Se existe um gene para o amor pelos animais, eu o herdei da minha mãe. Aparentemente, quando eu era pequena, tinha o hábito de correr para a calçada depois que chovia para resgatar as minhocas, colocando-as de volta na terra para que não secassem. Isso pode parecer exagero, mas não era nada comparado ao histórico da minha mãe com animais.

Quando era criança (segundo ela), minha mãe encomendou crocodilos de um catálogo e os colocou dentro da banheira do próprio pai. “*Nós* podemos encomendar crocodilos?”, eu implorava. E ela dizia: “Não, querida. Não é muito legal com os crocodilos. Eu não sabia disso quando peguei eles.”

Acho que não seria um exagero afirmar que minha mãe vinha trazendo animais para casa havia mais de cinquenta anos. Geralmente sem

perguntar a ninguém. Na verdade, tinha sido assim com as nossas outras duas cadelas. Um momento de extravagância, também em um anúncio de jornal. Yoda era a nossa chihuahua. Meu irmão mais velho, Tripp, se referia a ela como uma ratazana. Ela não era muito maior que um porquinho-da-índia, e só tinha cinco dentes, mas eu a amava. A principal companhia canina de Yoda era Bertha, nossa buldogue inglesa, que mais parecia uma mistura de porco com elefante-marinho encalhado. Ela tinha um rabinho cor-de-rosa engraçado que era torcido e lembrava um rolinho de canela preso no bumbum, por isso meus irmãos e eu a chamávamos de *Cinnamon Roll*. Em algum momento, o apelido mudou para Gordinha, e esse ficou para sempre. Gordinha preferia não fazer exercícios, tinha péssimos modos à mesa e roncava tão alto que chegava a acordar os vizinhos. Mesmo assim, nas noites de verão, com o canto dos grilos vindo da floresta atrás do nosso quintal, eu sentava e ficava olhando para Bertha enquanto cantava “You Are So Beautiful” para ela. Gordinha era a preferida do papai.

Sabe quando um casal decide engravidar, acreditando que de alguma forma um bebê vai salvar o casamento? Pode ter sido o que passou na cabeça da minha mãe quando ela decidiu que naquele dia pegaríamos um terceiro cachorro. *Um cachorro novo é um novo começo!* É recomeçar.

Então lá estávamos nós mais uma vez, recomeçando...

Duas horas depois, passamos pela saída da cidade de Sparta e seguimos por uma longa estrada de terra até uma casinha branca. Uma confusão de latidos graves vinha do quintal.

Uma mulher abriu a porta de tela.

— *Cês* vieram ver os filhotes de mastim? Pode entrar por aqui — disse ela, indicando para darmos a volta até os fundos.

Nós a seguimos até a parte de trás da casa, e aquele latido grave ia ficando cada vez mais perto. Uma longa sequência de latidos grossos e altos com pausas entre eles.

Comecei a me questionar se aquilo havia sido uma boa ideia. Senti uma pontada de raiva por ter me deixado convencer a embarcar naquela

viagem possivelmente ridícula. Minha mãe achava mesmo que podia apagar a bebedeira da noite anterior com um filhote? Um cachorrinho era uma decisão muito séria. Uma decisão para ser tomada *em família*. Não devíamos falar com o papai? Uma onda de culpa me dominou quando imaginei meus pais ignorando um ao outro, ainda mais porque *eu* e minha mãe tínhamos levado mais um bicho para casa.

Entramos no quintal e mamãe apertou minha mão, empolgada. Os latidos ficaram mais altos.

— Ah, é só a Dozer!

A mulher espantou uma mosca do rosto.

— Não liguem para os latidos. Ela é um docinho.

Mas aquele latido era diferente de qualquer outro que eu já tinha ouvido. Era alto, forte e ameaçador, como se ela soubesse que havíamos chegado. Senti um frio na barriga. Andamos um pouco mais até um cercadinho de arame.

— Sobraram dois meninos e duas meninas — disse a mulher.

Dentro do cercadinho havia um emaranhado de quatro adoráveis filhotinhos de mastim. Tinham cabeças do tamanho de abacates e sua pelagem era tigrada, cheia de listras pretas borradas. Sob as listras, dois eram cor de chocolate, os outros eram um pouco mais claros, de um tom mais bege. As manchas escuras no rosto davam uma aparência de máscaras pretas, e um deles tinha uma manchinha branca no peito. Eles trotavam pela grama com as barriguinhas redondas e rabinhos grossos e davam patadas uns nos outros alegremente.

Passei com uma perna de cada vez sobre o cercado, sentei na grama e tentei relaxar. Minha mãe me acompanhou, sentando de pernas cruzadas do meu lado, e quando os filhotes nos escalaram, minha mãe abriu um sorriso enorme. Fizemos cócegas nas barriguinhas deles e deixamos que mastigassem nossos cadarços. Mamãe afundava o rosto em cima deles, beijando as cabeças e dizendo para cada um que era a coisa mais fofa que ela já tinha visto. Respirei fundo. Aos poucos, fui amolecendo. Talvez aquela aventura não fosse uma ideia tão terrível. A grama estava seca como

palha, mas era toda salpicada de dentes-de-leão amarelos. Quando eu fecho os olhos e me lembro daquele dia, consigo vê-los. Dentes-de-leão amarelos e um cachorrinho tigrado. A minha cachorrinha.

A moça se abaixou para pegar o filhote, virando-o de costas para verificar suas partes íntimas.

— Olhe, esta aqui é menina — confirmou ela, enfiando a filhotinha no meu colo. Eu a ergui à minha frente, apoiando as mãos sob suas axilas. A pele dela era grande demais para o corpo, por isso meus dedos afundavam, e para mim estava tão óbvio que aquele filhote era fêmea que eu não acreditava que a mulher precisasse conferir. Eu a encarei nos olhos e ela me encarou de volta. A testa preta e enrugada e os olhos caídos conferiam a ela uma expressão de preocupação, fazendo-a parecer meio triste. Mas eu sabia que ela não estava, porque o rabo balançava. Ela era mais linda que uma margarida. A cachorrinha esticou o pescoço enrugado e mordiscou meu nariz. Mas fez isso com cuidado — delicada e intencionalmente —, por isso seus dentinhos afiados não me machucaram.

Mamãe apertou meu joelho.

— Lauren. Ai, meu Deus. Nós *temos* que levar essa aqui! Ela não é maravilhosa? Você quer ficar com ela?

Ela analisou meu rosto em busca de uma resposta. Dozer ainda latia, e do canto do olho eu a via atrás de um portão de metal a uns dez metros de distância. Sua cabeça era grande como a do Darth Vader, e quando ela latia uma baba cheia de espuma voava da boca e grudava na cerca.

Segurei o corpo quentinho da cachorrinha perto do rosto e ela lambeu minha bochecha. Aquele cheiro peculiar de hálito de filhote foi suficiente para derreter meu coração. Tudo o que eu queria era dizer sim.

— Mãe, eu amei essa. — Aquilo era verdade, mas uma parte de mim queria dizer *Vamos pensar com calma antes*. Ainda assim, eu sabia que, se não saíssemos de lá com aquela cachorrinha linda naquele dia, eu nunca mais a veria. Os olhos da minha mãe brilhavam de desespero.

— *Quero* que você fique com ela, querida. Eu ficaria tão feliz em dá-la para você. Me deixe comprar essa filhotinha para você!

Eu não compreendia muito bem a dinâmica da minha família na época, e, honestamente, àquela altura, com a cachorrinha no colo, e daí que eu estivesse sendo manipulada? Eu podia ter ligado e perguntado para o meu pai, mas ele me diria que comprar filhotes de um anúncio de jornal por impulso não soava como uma boa ideia. (E ele tinha toda razão. Por favor, não compre filhotes de um anúncio de jornal por impulso como nós fizemos. Além disso, por favor, considere a adoção.)

A cachorrinha quentinha mordiscou meu nariz outra vez, lambeu meu olho e depois lambeu minha boca. Então, engoli minhas preocupações e ignorei a parte do meu cérebro que dizia “Pense nas consequências!”.

— *Tá bom!* Vamos levá-la!

Mamãe deu 150 dólares em dinheiro para a mulher, depois foi de carro até o caixa eletrônico de um posto de gasolina para sacar mais 250 dólares e ainda fez um cheque de 300 dólares (pagamos muitas compras feitas por impulso dessa forma). Joguei minha nova amiga no ombro, agradei profundamente à mulher, olhei para Dozer pela última vez, e viajamos de volta para Brentwood com mais um grande membro da família.

— Que nome devemos dar para ela? — perguntou mamãe quando voltamos para o carro.

Eu queria que o nome fosse fofo e feminino, não um nome que mais parecia o de um trator, como o que deram para a mãe dela.

— Ela é uma menininha, uma princesa — falei, apertando-a contra o meu rosto.

— Que tal “Por favor, não se livre de mim, papai”? — disse minha mãe rindo e esticando a mão para acariciar as orelhas da filhotinha.

Ela ficava tão bem no meu colo. Eu olhava para ela e não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo de verdade. Anos depois, eu reconheceria esse olhar na forma como algumas das minhas amigas contemplavam suas alianças de noivado, como se suas vidas estivessem prestes a começar, como se enfim fossem viver suas aventuras. Era assim que eu me sentia com a cachorra no meu colo, encarando seus olhos redondos e brilhantes delineados por cílios pequeninos. Senti-me como

se estivesse sob um feitiço, encantada. Espere aí. *Encantada*. (Eu devo ter visto esse filme da Disney um milhão de vezes.)

Giselle.

— Mãe! Que tal Giselle? Como a princesa do filme *Encantada*? — Giselle soava tão divertido e, por ser inspirado em uma personagem tão adorável e ingênua, parecia perfeito para aquela filhotinha inocente.

— Isso! Esse é o nome. Adorei! — vibrou minha mãe. Decidimos que escreveríamos com z para dar um toque a mais de ousadia.

— Oi, Gizelle! Oi, garotinha! — sussurrei, embalando-a nos braços como uma boneca. (Uma boneca robusta e do tamanho de um pug, mas com patas mais compridas.)

— O que vamos dizer para o papai? — perguntei, preocupada, enquanto acariciava as dobras de pele no pescoço de Gizelle. Mesmo que eu soubesse que, em relação àquele novo filhote, ele não ia ficar zangado. Papai era a pessoa mais paciente que eu conhecia, então ele provavelmente terminaria balançando a cabeça como quem diz “É claro que elas trouxeram mais um bicho para casa”, e depois acabaria cuidando do tal bicho, como sempre fazia, com uma ligeira e silenciosa relutância. Mas ele ia superar aquilo. Ainda assim, minha mãe quis pensar em alguma forma de amansá-lo, por precaução. Algo que atenuaria o choque da chegada de um novo filhotinho. (Por acaso um filhotinho da maior raça do mundo.) Então bolamos um plano.

Encostamos o carro na longa estrada que levava até a nossa casa de tijolinhos sobre um morro. Quando entrei em casa, papai estava na sala praticando sua tacada de golfe em frente à TV. Como planejado, eu o cumprimentei e expliquei que tinha resgatado uma filhotinha de um lugar ali perto chamado Hospital Veterinário Noah’s Ark. Falei que a adoção era de graça e que eu estava apenas dando um lar temporário enquanto procuravam uma nova casa para ela. Não podia deixá-la lá para morrer! Nem acreditei que tive a sorte de resgatá-la a tempo! Foi um milagre!

Papai me analisou com seu olhar intrigado, o taco ainda na mão. Normalmente, ele me passaria o taco número 9 e diria: “Me mostra sua

tacada suave, Fernie. Está ótima este ano!” Mas não foi o que ele fez. Não naquele dia. Em vez disso, ele observou o tamanho das patas gigantescas da filhotinha aninhada nos meus braços enquanto eu me esforçava para deixá-la em uma posição em que sua cabeça adorável e seus olhos de partir o coração causassem o maior efeito possível. Então ele me olhou de volta. Não soltou um furioso “Não, já temos duas cachorras e um peixe e sua mãe traz bichos demais para casa, leve de volta agora!”, como os pais de muitos amigos meus fariam. Mas também não falou: “Isso, vamos cuidar dela até conseguir um lar permanente! É isso aí, Fernie!” Ele só disse “Ok”, prolongando o “ei” final, quase como se estivesse fazendo uma pergunta. E, quando ele apertou os olhos e abriu a boca para dizer algo, eu fui mais rápida:

— Nós não vamos ficar com ela por muito tempo!

Quando eu começava a mentir para o meu pai, não conseguia mais parar. Por um breve instante, ouvi uma voz fraca dentro de mim sussurrando “*Shhh!* Pare!”. Mas mandei aquela garota calar a boca, porque nós estávamos destinados a ficar com a cachorrinha, e eu faria qualquer coisa para dar certo.